

ACM adota estilo "Hard" e se aproxima de Paulo Maluf

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

A vitória em primeiro turno de seu candidato à prefeitura de Salvador, Antônio Imbassahy, pode habilitar o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) a assumir o comando nacional do partido. Na prática, isso significa endurecer o discurso pefelista em relação à emenda constitucional da reeleição. Enquanto a cúpula formal do PFL é absolutamente a favor e até capitaneia as articulações para aprovação da emenda, Antônio Carlos tem conversado assiduamente com o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, e é reticente a ela.

Na opinião do senador, o governo está excessivamente animado com a possibilidade de aprovação da emenda da reeleição, que daria mais quatro anos de mandato para o presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele conversa daqui, ouve dali, e acha que há vários obstáculos até se chegar a esse objetivo. Alguns deles: a não exigência de desincompatibilização, as mágoas de campanha contra o governo federal e a força pós-eleitoral de Maluf. "Não é tão simples assim, como estão dizendo", tem dito ele.

Para reforçar a posição do "chefe" ACM, o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) desfilava pelos corredores do Congresso, ontem, inovando no discurso pefelista sobre a reeleição. Até aqui, o partido tem sido ultra-favorável e o personagem chave da votação é, inclusive, o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho de ACM. Mas Aleluia atacou: "A reeleição ainda é uma miragem, porque há um motim na base. O governo federal não está atendendo aos pleitos do Nordeste e dos seus aliados". Deixou implícito, assim, que haverá um preço para o apoio da emenda da reeleição.

CÚPULAS FORMAL E INFORMAL

A cúpula formal do PFL é representada pelo presidente licenciado, Jorge Bornhausen, que é atual embaixador do Brasil em Portugal e não conseguiu emplacar o candidato pefelista no segundo turno das eleições na sua capital Florianópolis.

Desde a fundação do partido, em 1985, Bornhausen forma um grupo "light" do PFL com o vice-presidente da República, Marco Maciel, o senador Guilherme Palmeira (AL) e o atual presidente em exercício, deputado José Jorge (PE). ACM sempre foi o lado "hard" do partido.

Ontem, o senador baiano deu uma demonstração explícita de força política interna, ao sediar em seu gabinete uma reunião com seis dos sete deputados federais do PFL em São Paulo. Foi o presidente José Jorge quem atravessou um quilômetro e meio entre a Câmara e o Senado para ir ao gabinete de ACM, e não o contrário.

A bancada paulista foi pedir explicitamente a intervenção do partido na seção estadual, com a destituição do atual presidente, o ex-ministro e ex-secretário Antônio Cabrera, que também estava ontem em Brasília. "Ele não tem legitimidade eleitoral, porque nunca disputou uma eleição, e não representa mais as lideranças políticas da região", disse o deputado Paulo Lima (SP) à repórter Maysa Previdello.

ACM FOI FAVORÁVEL A SP

A cúpula nacional do partido era contra a coligação com o PPB de Maluf e do candidato Celso Pitta no primeiro turno de São Paulo, mas Antônio Carlos foi publicamente a favor. "Fomos ao senador Antônio Carlos, porque ele é amigo, um expoente muito forte, tem projeção nacional e está solidário com as questões paulistas", disse o deputado Maluly Neto. "Ele é a grande liderança do PFL", acrescentou Paulo Lima.

Antônio Carlos e Bornhausen têm outras pendências. O embaixador é contra a entrada do senador pemedebista Gilberto Miranda (AM) no partido, mas o senador é a favor. O embaixador era a favor de um desembarque em massa do PFL no Rio de Janeiro, para reforçar a campanha do candidato Luiz Paulo Conde, mas o senador foi contra. Alegava que o partido não tem penetração no estado "e só atrapalharia a campanha". Ficou todo mundo quieto e Conde entrou como favorito no segundo turno.